

As críticas de Fink e Frege à filosofia de Husserl

André R. C. Fontes¹

Resumo

Um resumo da crítica de Eugen Fink e de Gottlob Frege à Fenomenologia de Husserl é o conteúdo deste artigo.

Palavras-chave: Fenomenologia; Royaumont; aritmética.

Abstract

A summary of the criticism by Eugen Fink and Gottlob Frege to Husserl's Phenomenology is content of this article.

Keywords: Phenomenology; royaumont; arithmetic.

A crítica de Fink

§1º

Introdução

Em uma famosa intervenção no terceiro Colóquio Filosófico de Royaumont, Eugen Fink sustenta que Husserl jamais alcançou uma solução do problema de como se deva endender exatamente a relação de dependência das coisas de consciência percipiente.² Afirmou Fink que Husserl em tempo algum resolveu expressamente essa questão, de maneira que não ficou resolvida que coisa ocorre ao ser próprio das coisas quando ele se torna objeto de representação.³ A isso acresce a questão de se poder identificar puramente e simplesmente o ser próprio de uma coisa com o ser objeto, e, ainda, uma outra questão, que nomeadamente poderia se resumir ao fato de que se se afirma que

¹ Doutor em Direito pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, com estágio pós-doutoral na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Professor na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Uni-Rio e Desembargador no Tribunal Regional Federal da 2ª Região (Rio de Janeiro e Espírito Santo). E-mail: gabaf@trf2.jus.br

² Cf. a comunicação de Eugen Fink *in Husserl Cahiers de Royaumont*, Paris: Les Editions de Minuit, 1959.

³ *Idem*. As palavras de Fink são as seguintes: “Que coisa ocorre ao ser próprio das coisas quando ele se torna objeto de representação?” Cf. *Cahiers, op. cit.* Não pode ser olvidado, mesmo em um texto que se propõe a oferecer alguns excertos críticos à obra de Husserl, que as críticas às ideias do autor das *Meditações Cartesianas* também foram perseguidas por Frege. Cf.

o ser próprio de uma coisa consiste simplesmente no seu ser objeto, se tem, em tal afirmação, poderia se dizer, que haveria uma superação especulativa da esfera fenomenológica?⁴

Nessa intervenção, afirmou que a superação especulativa constitui um problema que Husserl não trata de maneira explícita e que ficou profundamente marcado nas questões que suscitou.⁵ Conquanto seja esse o sentido mais autêntico e original da redução fenomenológica e o fato de que tais oscilações se verificam em diversas fases do pensamento husserliano, afirmou Fink que a conclusão de Husserl implica tornar estranho ao sentido das análises fenomenológicas o problema da realidade ou da existência no significado das teses naturais.⁶

Fink recebeu sabidamente a aprovação de Husserl como aluno e de seu professor é que extraiu as suas lições básicas. É possível estabelecer um paralelo da crítica de Fink (aluno) com Husserl (professor), assim como de Husserl (aluno) com a de Brentano (professor), embora esta pesquisa não se sirva a esse propósito, mas foi com as críticas uns dos outros que cresceu o conhecimento daquilo que se propôs a estudar nesta tese. De qualquer modo, o trabalho de Husserl é manifestamente insuperável se comparado à posição de Eugen Fink.⁷

Deve ser lembrado que Royau mont,⁸ em 1957, é o terceiro grande congresso de fenomenologia de que participou Fink. Ele se segue ao de 1951, em Bruxelas⁹, e ao de 1956, em Krefeld.¹⁰

§2º

A intervenção no terceiro colóquio de Filosofia de Royau mont

Em um primeiro momento Fink medeia os solavancos com a orientação fenomenológica, tentando sublinhar uma série de elementos especulativos incompreensíveis do pensamento de Husserl. Foram teses difíceis de sustentar e

⁴ Cf. Guy van Kerckhoven, *Mondanizzazione e individuazione La posta in gioco nella Sesta Meditazione cartesiana di Husserl e Fink*. Trad. do francês para o italiano por Massimo Mezzananza. Gênova: Il melangolo, 1998. p. 21.

⁵ Cf. as observações de Andrea Gilardoni, *Potenziamenti immaginifici Sperimentazioni filosofiche intorno a Eugen Fink*, Milão: Unicopoli, 2001. p. 94.

⁶ Cf. Tommaso Pedicini, *Il labirinto del mondo. La filosofia del gioco de Eugen Fink*, Milão: Edizione Angelo Guerini e associati, 1997. p. 19.

⁷ Cf. Guglielmo Forni, *Fenomenologia*, Milão: Marzorati, 1973. p. 19.

⁸ Andrea Gilardoni, *Potenziamenti immaginifici Sperimentazioni filosofiche intorno a Eugen Fink*, Milão: Unicopoli, 2001. p. 94.

⁹ Cf. Guglielmo Forni, *Fenomenologia*, Milão: Marzorati, 1973. p. 44.

¹⁰ Tommaso Pedicini, *Il labirinto del mondo. La filosofia del gioco de Eugen Fink*, Milão: Edizione Angelo Guerini e associati, 1997. p. 19.

não parecem estar sustentadas de modo suficiente por novidades argumentativas. Fink chega a revolver abertamente contra seu ex-professor Edmund Husserl alguns dos mesmos argumentos usados nos anos trinta pelos detratores da fenomenologia.¹¹

A *epoché* fenomenológica, sustenta Fink, não é em grau de fazer compreender o ser do mundo, a dimensão originária. Os conceitos de espaço e tempo vêm interpretados pela fenomenologia como simples objetos fenomênicos e não como são em realidade: vale dizer espaço do mundo e tempo do mundo, que circundam nos mesmos, e as coisas, os pressupostos de todos os fenômenos.¹²

Para Fink, a redução do mundo real faz aparecer um mundo de significados, um mundo intencional. Ele diz que a fenomenologia não aponta o problema de sua origem em sentido realístico e trata de compreender como objeto intencional o mundo como se forma em uma consciência como se isso tornasse válido, através de uma gênese subjetiva de seu significado. A Fink todo ser em um ser-para-mim, em um objeto intencional. Dizia também que Husserl não consegue falar do ser fora da sua relação com a consciência.¹³

Visto que a fenomenologia é incapaz de conduzir à sabedoria do mundo (*Weltweisheit*), que é o objetivo da filosofia segundo Fink, ela então não é outra coisa senão apropriado fundamento do pensamento humano, uma *pré-filosofia*, mas não uma filosofia.¹⁴

É de boa lembrança que o plano geral da filosofia de Eugen Fink, desse período ao menos, considera muito do método ontológico heideggeriano, mas, com o passar dos anos, Fink adquire uma sempre maior independência também de Heidegger. Nessa época, a ambição de Fink, segundo seus estudiosos, consistia em querer buscar as dimensões de espaço e movimento na análise heideggeriana de *Ser e Tempo*, e assim de apresentar o *Ser e Mundo* mais do que *Ser e Tempo*, como a esfera original da ontologia.¹⁵

O próprio Fink sustenta que talvez o tempo seja somente uma das dimensões da filosofia ontológica e, então, depois de serem postas as questões de uma relação assim problemática (aquela entre Ser e Tempo indicada), dever-se-ia interrogar. Entretanto, com observância do ser com o espaço e com o movimento ou, para reassumir o todo, observando a relação que decorre entre ser e mundo.¹⁶

¹¹ Cf. Tommaso Pedicini, *Il labirinto del mondo. La filosofia del gioco di Eugen Fink*. Milão: Guerini, 1997. p. 239.

¹² Cf. Guy van Kerckhoven, *Mondanizzazione e individuazione La posta in gioco nella Sesta Meditazione cartesiana di Husserl e Fink*, trad. de Massimo Mezzanzanica, Gênova: Il melangolo, 1998. p.110.

¹³ Guglielmo Forni, *Fenomenologia*, Milão: Marzorati, 1973. p. 13.

¹⁴ Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*, Roma-Bari: Laterza, 2002. p. 15.

¹⁵ Guglielmo Forni, *Fenomenologia*, Milão: Marzorati, 1973. p. 13.

¹⁶ Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*, Roma-Bari: Laterza, 2002. p. 55.

O pensamento de Fink, nesse momento, pode ser definido como cosmológico. Quanto mais ele evidencia a reflexão sobre o mundo, e das consequências busca a conceptualização do jogo, como modo de ser do homem no mundo, mais então a filosofia de Fink sofrerá uma forte e definida maturação de identidade. A partir de então se compreende como os estudiosos do pensamento de Fink¹⁷ podem falar unanimemente de um *Kehre* na filosofia finkiana do pós-guerra, ou seja, uma volta incomparável, na forma, aquela ocorrida no pensamento de Heidegger entre as publicações de *Ser e Tempo* e os escritos dos fins dos anos trinta, nos quais o problema do ser assume um caráter global.¹⁸

A virada de Fink se torna evidente, no que resulta até mesmo inesperada, senão incompreensível, para aqueles que não conhecem os seus estudos e as variadas etapas do seu tormentoso caminho de pensamentos nos três conhecidos congressos de fenomenologia (Bruxelas, Krefeld, Royaumont), mas, sobretudo, a retomada das publicações dos seus escritos a partir de 1947.¹⁹

A crítica de Frege

A filosofia da aritmética

Em sua severa recensão à *Filosofia da Aritmética*, Gottlob Frege, impelido pela exigência de distinguir nitidamente a psicologia da lógica e de fundar a aritmética sobre bases rigorosamente formais, acusa Husserl de psicologismo.²⁰ Ele rejeita, por isso, toda a problemática husserliana destinada a definir o caráter e os limites das operações psicológicas, que são a base dos conceitos elementares da aritmética.²¹ A sua célebre frase é própria e característica de tal assertiva: necessário saber que coisa seja o mar do Norte, não como surge a noção de mar do norte.²²

¹⁷ Podemos citar Spiegelberg, Gadamer, Remy, Zecchi, Schlageter e Masullo. Cf. Tommaso Pedicini, *op. cit.*, p. 31.

¹⁸ Michele Lenoci, *Autococienza Valori Storicità Studi su Menong, Scheler, Heidegger*, Milão: Franco Angeli, 1992. p. 205.

¹⁹ Guglielmo Forni, *Fenomenologia*, Milão: Marzorati, 1973. p. 15.

²⁰ Esse foi o primeiro escrito de Husserl, que constitui uma reelaboração da sua tese de habilitação de 1887. Foi publicada em 1891 como *Filosofia da Aritmética* e com o subtítulo *Investigações Lógicas e Psicológicas*, como dedicatória a Franz Brentano. Cf. a trad. ital. *op. cit.*

²¹ Anthony Kenny, *Frege*, trad. Marco Mazzone, Turim: Einaudi, 2003. p. 24.

²² É de modo significativa, para se por com respeito a isso, especialmente se se põe em relação com as seguintes afirmações: “Uma descrição dos processos mentais que precedem a enunciação de um juízo numérico, não pode nunca, também se exata, substituir uma verdadeira determinação do conceito de número, não poderemos nunca invocá-la para a demonstração de qualquer teorema, nem aprenderemos por essa alguma propriedade dos números. E, na verdade, o número não constitui um objeto da psicologia, nem pode considerar-se como um resultado dos processos psíquicos, mesmo como não pode considerar-se tal, por exemplo, o mar do Norte.”

O primeiro escrito de Husserl foi uma reelaboração da sua tese de habilitação em 1887.²³ Foi impressa em 1891 como *Filosofia da Aritmética*, com o subtítulo *Investigações Lógicas e Psicológicas*, e foi dedicada a Franz Brentano.²⁴ Nessa obra, quis Husserl demonstrar o processo no curso do qual o conceito de número decorreria de *fenômenos concretos de multiplicidade (Inbegriffe)*, ou seja, agregados, associados, unidos.²⁵ Essa ideia abstrata de vinculação coletiva foi alcançada enquanto significado lógico de um conceito mais geral de *multiplicidade*, que, a sua vez, buscaria pela via da abstração das observações dos agregados.²⁶

Compreende Husserl que o ato psíquico é identificado no conceito de número e caracterizado, seja em sentido psicológico, seja abstraído, em um sentido puramente lógico.²⁷ Essa caracterização externa, para Husserl, não vincula toda a complexidade do ato de representação, que consente de se conseguir o conceito de vinculação coletiva, que poderemos dizer tanto o ato de colher um conjunto como um gesto gestáltico.²⁸ Esse ato de representação vai tomando não como um processo que negligência, “não nota” o conteúdo do agregado, mas como ato unitário que exprime a função psíquica de atenção por tais conteúdos, considerados, em seu sentido específico, como reunidos em um agregado por semelhança.²⁹

Husserl retoma a Teoria de Brentano e se concentra sobre o ato de representação, que vincula a dimensão subjetiva de modo a tender a uma coisa qualquer (ou qualquer coisa) como objeto, e essa tendência é o próprio conteúdo intencional.³⁰ O ato de determinar o número, ou seja, a consistência de um agregado, é um ato de interesse, que, em um mesmo momento, institui de um lado conexões entre os vários elementos ou agregados e de outro tem conteúdo seu próprio em mira e o objeto agregado mesmo.³¹

A esse ponto, é evidente que a caracterização psicológica do conceito de número imposta por Husserl rompe decisivamente o esquema da Teoria Empirista da Abstração e se mostra derivada da *psicologia do ponto de vista empírico* de Brentano, a qual tomou para distinguir o físico do mental, evidenciando como os atos mentais tidos em uma existência autônoma.³² Sobre esse raciocínio, Husserl atraiu para a

²³ Mauro Mariani, *Introduzione a Frege*, 3ª ed., Roma-Bari: Laterza, 2004. p. 45.

²⁴ Cf. a trad. italiana, *op. cit.*

²⁵ Mauro Mariani, *Introduzione a Frege*, 3ª ed., Roma-Bari: Laterza, 2004. p. 35

²⁶ Esse modo de pensamento se avizinha da Teoria empírica da abstração de John Stuart Mill, mas dele se afasta por conta das consequências psicologistas expressadas por Mill. Cf.

²⁷ Segundo Mill o número não denota os sentidos singulares do agregado, mas considera na sua generalidade o ente simples, de unidade, deixando como resíduo na mente a sua pura e simples conexão conceitual. Cf.

²⁸ Gabriele Giannantoni, *op. cit.* p. 580.

²⁹ Cf. F. Adorno, T. Gregory e V. Verra, *op. cit.* p. 457.

³⁰ Paolo Bucci, *Husserl e Bolzano Alle origini della fenomenologia*. Milão: Unicopli, 2000. p. 11.

³¹ Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*, 10ª. ed. Roma-Bari: 2002. p.77.

³² Anthony Kenny, *Frege*, trad. Marco Mazzone, Turim: Einaudi, 2003. p. 32.

órbita da existência autônoma números como formas gerais condicionantes a nossa atividade cognoscitiva.³³ Corrige, assim, a hipótese psicologista da total dependência dos conceitos elementares da aritmética da psicologia.³⁴

O primeiro passo na direção de uma pesquisa de autonomia do primado na lógica objetiva, existente de *per se*, é a respeito de uma simples derivação da lógica da característica da psicologia.³⁵ É exatamente essa consideração que foi criticada por Frege, com a qual Husserl travou auspiciosa relação epistolar.³⁶ Segundo Frege, Husserl se achava novamente em uma dimensão psicologista e não puramente lógica.³⁷ Entre os argumentos utilizados por Frege, é conhecido o recurso ao conceito de zero: se não contamos zero, como se faria para sustentar a posição psicologista?³⁸

³³ Nicla Vassallo, *La filosofia di Gottlob Frege*, Milão: 2003, Franco Angeli, p. 213.

³⁴ Mauro Mariani, *Introduzione a Frege*, 3ª ed., Roma-Bari: Laterza, 2004. p. 38.

³⁵ Denis Fiset, *Lecture frégréenne de la phenomenologie*, Paris: Eclat, 1994. p. 82.

³⁶ Cf. Mauro Mariani, *Introduzione a Frege*. Roma-Bari: Laterza, 2004. p.

³⁷ Cf. Anthony Kenny, *Frege*, trad. de Marco Mazzone, Turim: Einaudi, 2003. p. 160.

³⁸ Contestando, assim, a experiência de zero, Frege nega que também se possa assim surgir no sujeito a intenção de representar igualmente o conceito de nada. Não é assim na experiência, mas na lógica. Cf. Gabriele i, *op. cit.* p. 513.